

Saúde e paternalismo

71715196 23 JUL 1996

AYRES DA CUNHA

23 JUL 1996

A Constituição brasileira não deixa margem a dúvidas: Saúde, Educação e Transporte são deveres do Estado, a exemplo de outras obrigações. Portanto, quando algumas empresas se estabelecem no mercado oferecendo serviços alternativos em algum desses setores, não o fazem com o "compromisso social" que o Governo tem para com seus cidadãos.

A economia de mercado almeja, vive e se alimenta do lucro e do crescimento, que são as alavancas de sustentação de suas atividades, e, obviamente, é assim que funciona em todos os lugares do mundo, onde se vive uma economia de mercado nos moldes do modelo capitalista, não podendo ser diferente no Brasil. A falsa e demagógica idéia de transferir para as empresas do setor privado as propagandas "obrigações sociais", manifestadas através de um "paternalismo estatal esquerdista e corporativista", não nos levará a lugar algum. As provas estão aí e só não vê quem não quer.

As escolas particulares, a exemplo das empresas de medicina de grupo e dos planos e seguros de saúde, se estabeleceram no mercado e hoje são as responsáveis pelo atendimento à população que, sem elas, estaria ao acaso. Estas empresas estão, na verdade, suprimindo as lacunas abertas pela ineficiência e incapacidade das administrações públicas de agora e do passado. Somente por isso as empresas do setor privado prosperaram. A duras penas, conseguiram sobreviver às dificuldades decorrentes das constantes mudanças

econômicas e à efetiva perseguição por parte dos setores reacionários que insistem no socialismo fracassado. A rede pública de ensino básico faliu. O sistema público de saúde perdeu-se no tempo e no espaço. Até hoje ninguém cuidou de explicar ou tentar saber em que circunstâncias isso se deu. Os espoliadores do serviço público saíram em campo para culpar a iniciativa privada de especular economicamente com a saúde e a educação, esquecendo-se de que foram os próprios defensores do Estado que levaram esta situação ao caos em que se encontra e, politicamente, tentam transformar as empresas de saúde em verdadeiros "bodes expiatórios" para, dessa forma, se eximirem de suas próprias culpas. Entretanto, nada falam a respeito do "antro de corrupção" no qual se transformaram as empresas estatais de saúde e educação (Inamps, INPS, ISS, Mobral etc). São eles que tentam "penalizar e culpar" as empresas, enquanto, ao mesmo tempo, buscam isentar de culpa e inocentar os fracassos estatais, perdendo sumariamente os erros dos governos, que não foram capazes de proporcionar ensino e assistência médica dignos aos seus cidadãos.

Os empresários deram provas de que estes serviços são viáveis e até lucrativos. Em sendo assim, se as escolas particulares e os planos de saúde dão lucro, por que os governos (Federal, Estadual e Municipal) não conseguiram manter estes serviços, isentando-se do lucro e recebendo subsídios? Não é de se suspeitar? Se o lucro é fácil e

volumoso nesses setores, seria de se supor que não haveria tanta dificuldade para viabilizá-lo, ainda mais com subsídios do Governo.

As empresas são "alternativas" para a sociedade. Mas ao Governo é que cabe dotar de recursos esses setores. As empresas não podem assumir o papel de governo; não são subsidiadas; não recebem nenhum tipo de ajuda econômica; pagam os seus funcionários, médicos, hospitais, professores e seus impostos regimento, de maneira precisa e pontual. Estes, sim, seriam os compromissos sociais de uma empresa dentro de um regime capitalista. Aos governos cabe formar o capital social e administrá-lo na sociedade, dotando-a de assistência em todos os níveis. Por que crucificar as empresas e deixar que a administração pública se instale na confortável posição de perdoada? Se saúde, educação e transportes são realmente "bons negócios", como afirmam os defensores do "paternalismo estatal", e, ainda por cima, geram os chamados "lucros exorbitantes", seria de se esperar que essas atividades, quando nas mãos do setor público e das administrações estatizantes, dessem certo e prosperassem. As portas estão abertas para quem quiser trabalhar e prosperar. Basta abandonar o comodismo do discurso vazio e começar a empreender. Se os planos de saúde e educação dão tanto lucro, avante, senhores! Vamos recriar, recuperar os sistemas públicos de serviços que estão falidos e acabados.

Ayres da Cunha é deputado federal pelo PFL-SP